

Seca baixa vazão para 19 m³/s

ELIANA TEIXEIRA

O rio mostra suas pedras. A falta de chuva há 70 dias e a baixa vazão, em torno de 19 metros cúbicos por segundo, faz o Piracicaba saltar aos olhos de quem o ama. A água parece mais escura e o odor mais forte. Segundo Nilson Augusto Vila Nova, professor de departamento de Ciências Exatas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), a média de chuva em setembro é de 70 milímetros.

Apesar de terem caído "unpingos" de chuva no final da semana passada, Vila Nova diz que isso sequer foi registrado e por isso, a estiagem até ontem (24) era de 70 dias. Pelas previsões, destaca o professor, é aguardada chuva de 30 milímetros entre hoje (25) e amanhã (26).

Na região de Campinas e no litoral, a chuva era esperada na noite de ontem e início da manhã desta terça-feira. "Já começou a chover na Amazônia e no Mato Grosso e a umidade relativa do ar que estava em 20%, subiu para 35%. Mas a chuva chegará em Pi-

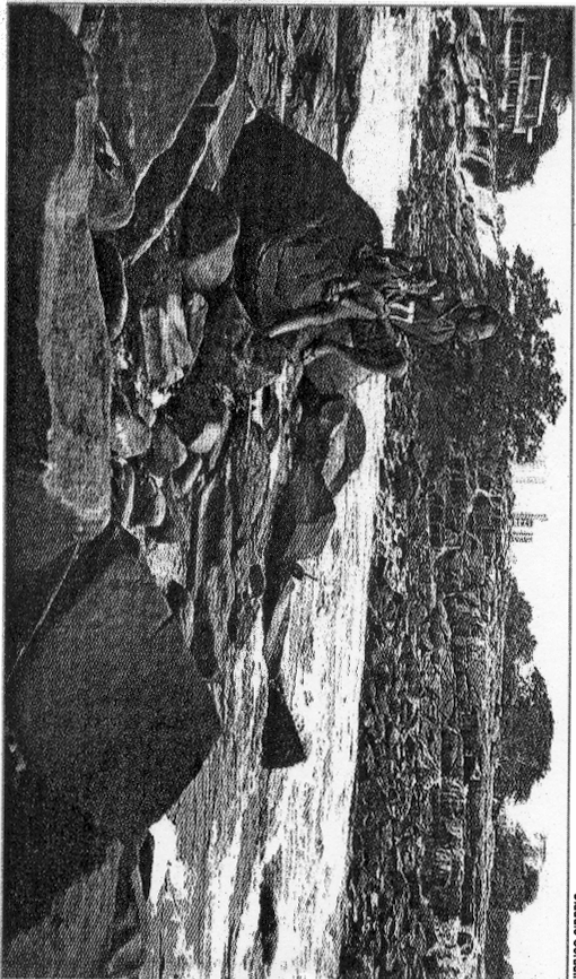
racicaba vai ser leve", diz.

Apesar da vazão do rio Piracicaba estar em 19 metros cúbicos por segundo, essa não é a mais baixa da história. Em 1969, o rio chegou a registrar 11 metros cúbicos por segundo. "Não há racionamento de água previsto. Nosso abastecimento é garantido pelo rio Corumbataí", explica Vladimir Schiavuzzo, presidente do Serviço Municipal de Água e Esgoto (Semae).

Para abastecer a população piracicabana, o Semae retira mais de 90% da água do Corumbataí. A preocupação, ressalta Schiavuzzo, é com a vazão desse rio, que atualmente, está em 4,5 metros cúbicos por segundo. "O Semae já trabalhou com a vazão em 3,5 metros cúbicos por segundo", afirma.

Diariamente, a autarquia capta 1,75 metros cúbicos por segundo de água do Corumbataí. Se o valor da captação ficar abaixo disso, enfatiza Schiavuzzo, a situação é bastante crítica. "Mas isso nunca aconteceu", garante.

Mas alguns bairros - Nova Suíça, Campesre e São Francis-



Claudio Coradini

Setenta dias sem chuva fazem das pedras do rio Piracicaba local de descanso e lazer para o pai e sua filha

co - diz o presidente do Semae, sentem as consequências da escassez de água. "São locais mais distantes e leva mais tempo para que possamos fazer os reparos na rede", explica.

O Semae conta com a colaboração da população, para diminuir o consumo de água, que aumentou em 10 milhões de litros por dia. Em julho, destaca Schiavuzzo, o consumo da população era de 132 mil metros cúbicos por dia e hoje, está em 150 mil. Ele espera reduzir para 140 mil metros cúbicos. "Não é preciso lavar calçadas. Dá para lavar o carro com a torneira fechada", orienta.